

A ABORDAGEM INTERACIONISTA DA METÁFORA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRODUTIVIDADE LEXICAL

Data de aceite: 23/11/2023

Noelma Oliveira Barbosa

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Neologismo. Metáfora interacionista.

RESUMO: Com este trabalho objetiva-se verificar como as metáforas, a partir de uma abordagem interacionista, contribuem com a formação lexical e de que forma essas construções semânticas criam novos significados e ampliam o potencial linguístico e cognitivo do falante. Para tanto, filia-se à perspectiva da Metáfora Interacionista e toma-se como ponto de partida o encontro das principais ciências envolvidas nessas construções linguísticas, a Semântica e a Lexicologia. Faz-se também algumas reflexões sobre os processos de expansão lexical, procurando observar, sobretudo, aspectos relevantes para a formação de neologismos. A análise, que é qualitativa, de cunho descritivo e natureza bibliográfica, mostra que, por meio de associações, a metáfora (nessa perspectiva) forma neologismos, uma vez que ela atende as fases de construção neológica: de produção, de recepção e julgamento de sua aceitabilidade junto à comunidade de falantes. Muitas caem no uso corrente e acabam sendo dicionarizadas, fechando (assim) o ciclo de produção lexical.

INTRODUÇÃO

O objetivo central do presente trabalho é verificar como as metáforas, a partir de uma abordagem interacionista, contribuem com a formação lexical. Pretendemos compreender de que forma essas construções metafóricas criam novos significados e ampliam o potencial linguístico e cognitivo do indivíduo. Para isso, tomamos como ponto de partida o encontro das principais ciências envolvidas nessas construções linguísticas, a Semântica e a Lexicologia.

A união entre essas duas disciplinas produz um campo de conhecimento bastante vasto, pois abrange diversos fenômenos linguísticos de criação de formas e significados lexicais, através de evocações das associações semânticas, que sempre resultam em mudanças de significado e enriquecimento lexical. Para essas reflexões, apresentaremos alguns

conceitos fundamentais de cunho semântico-lexical, através dos estudos de Andrade (2010); Biderman (2001a; 2001b); Cançado (2013); Ferraz (2007; 2012) e Martinet (1976).

Na sequência, traremos os esclarecimentos desses pesquisadores também para o centro das considerações que faremos sobre os processos de expansão lexical, procurando observar alguns aspectos relevantes nesse processo e que são colocados pelos trabalhos de observação de neologismos, para que possamos, a partir daí, problematizar a produção de metáforas enquanto atividade linguística que contribui efetivamente com a expansão do léxico.

Num terceiro momento, poderemos, finalmente, realizar alguma problematização a respeito da construção metafórica, no sentido de verificar como a metáfora, numa abordagem interacionista, contribui com o processo de formação lexical, buscando ainda compreender de que forma essas construções metafóricas criam novos significados e ampliam o potencial linguístico e cognitivo do indivíduo.

Para elucidar alguns aspectos que são inerentes à metáfora interacionista, faremos algumas observações a respeito da metáfora no que tange a um enfoque linguístico ou tradicional, modelo que prevaleceu no período anterior aos estudos da abordagem interacionista, importante para a compreensão das contribuições semânticas oferecidas por esta perspectiva. Para tais questões, abordaremos Amaral (2009); Barbosa (2017; 2021); Fossile (2011a; 2011b); Moura (2009); Moura e Pereira (2008); Ricoeur ([1975], 2000) e, a referência que constitui a espinha dorsal da Teoria da Interação Semântica: Black (1962; 1993).

UMA FRONTEIRA ENTRE LEXICOLOGIA E SEMÂNTICA

A experiência linguística da humanidade e do indivíduo é tão remota quanto a sua própria origem. No entanto, a sua capacidade comunicativa se amplia quando se faz conhecido o como a linguagem se estrutura para expressar significados, como o homem processa a abstração dos conceitos, os estrutura e categoriza. É interessante compreender que, nesse processo de conjugação de formas e significados, diferentes ciências da linguagem se articulam, sendo o diálogo entre Semântica e Lexicologia imprescindível à efetivação dessa praxe.

Semântica e Lexicologia fazem parte do estudo do sentido; porém, a semântica especifica seu objeto de estudo com foco no significado, o qual, em sentido amplo, possui uma abrangência de conceitos e advém da interação humana, seu “universo se estrutura em torno de dois pólos opostos: o indivíduo e a sociedade”, cuja “tensão em movimento se origina o léxico” (Biderman, 2001, p. 179). Enquanto a Lexicologia especifica seu objeto com base na palavra ou unidade léxica e em informações a respeito dos aspectos que a caracterizam enquanto forma e função (Andrade, 2010, p.113), sendo o sentido um aspecto primordial de sua funcionalidade.

Segundo Andrade (2010, p.114), a noção de palavra, com base na análise linguística, não contempla um rigor científico propriamente dito, pois não há consenso sobre o seu conceito, apesar de ser frequentemente utilizada por linguistas. Para essa pesquisadora, o significado lexical de palavra é o resultado dos elementos que a constituem; embora essa palavra derivada em seu significado lexical seja portadora também de outros significados: literal, figurativo, contextual e enunciativo-pragmático.

Por essa diversidade de significados é que a Lexicologia engloba os aspectos morfossintático, semântico, fonético-fonológico, etimológico e discursivo-pragmático, para dar conta do estudo do léxico, não só das unidades lexicalizadas como também das unidades virtuais, em fase de lexicalização ou não. Essa complexidade torna a Lexicologia uma ciência pluri e interdisciplinar.

Para Biderman (2001), no processo de aquisição da linguagem, a incorporação paulatina do léxico ocorre através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, onde são comuns as evocações das associações semânticas como antonímia e sinonímia; bem como os vocábulos semelhantes formalmente, que desencadeiam associações vocabulares, como: branco → brancura, branquear, branquejar, etc., e os vocabulários de significação contígua, onde ocorrem evocações do tipo: flor → rosa, cravo, jardim, etc., os quais podem constituir casos de hiperonímias, hiponímias ou co-hiponímias.

[...] dados empíricos mostram que os indivíduos estruturam mentalmente o seu repertório léxico, seguindo os modelos e os usos de sua comunidade linguística, através de um processo mental de categorização. Essa classificação categorial latente na memória do falante decorre de duas operações complementares:

- a) o conhecimento do mundo e da taxionomia que a sua língua e sua cultura atribuem a essa mesma Realidade;
- b) o seu esforço cognitivo pessoal de armazenar e catalogar os denotadores léxicos, segundo o modelo semântico da sua língua e, eventualmente, de potencialidades linguísticas de cunho universal, de que ele seria dotado desde o seu nascimento. (Biderman, 2001, p. 182).

O significado, objeto da análise semântica, traz uma amplitude de conceitos que contempla diferentes situações de utilização da língua, e isso resultou em sua divisão em sub-áreas. Daí termos a semântica formal, semântica cultural, semântica da enunciação, semântica cognitiva, semântica argumentativa, semântica dos protótipos, semântica e psicolinguística experimental, semântica computacional e semântica lexical.

Para fins desse artigo, pretendemos tratar nesse tópico apenas da semântica lexical, a qual, reconhecidamente, possui relação intrínseca com as ciências do léxico e trata de fenômenos como a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, o acarretamento, etc., explora as relações entre informação lexical e estrutura sintática. Embora, em dado momento do texto, talvez tenhamos que mencionar outros aspectos semânticos, já que, em se tratando

de estudos metafóricos, essa necessidade se amplia.

Segundo Vilela apud Andrade (2010, p. 115), a Semântica lexical pode situar-se em três níveis de análise linguística: o da *langue*, o da norma e o da *parole*. Porém, o estudo do conteúdo dos signos só pode ser feito sistematicamente no nível da *langue*, o nível em que essas unidades léxicas se configuram como unidades funcionais, onde ocorrem também as implicações entre as relações do léxico. No nível da norma situa-se o que não é necessariamente funcional ou distintivo e; no nível da *parole*, encontra-se o que pertence ao discurso concreto, relacionado ao extralinguístico. Para Vilela, o estudo do significado no nível da língua é o objeto de estudo da Semântica Lexical, considerada uma parte da Lexicologia.

Ao falar de significado, é imprescindível mencionar que, conforme Cançado (2013), um aspecto fundamental para o entendimento dos processos da significação diz respeito a sua natureza. Há linguistas que concebem que o significado é associado a uma noção de referência, a qual nasce da ligação entre as expressões linguísticas e o mundo. Já outros pesquisadores vêem o significado como associado a uma representação mental, na busca de “entender o que os ouvintes podem inferir sobre os processos cognitivos e representações mentais do falante” (Cançado, 2013, p. 27). Enquanto que, para alguns estudiosos, é perfeitamente possível que essas duas abordagens sejam complementares.

Essa autora aponta que as teorias que tratam do significado sob o ponto de vista da referência são as chamadas Semântica Formal, Semântica Lógica, Semântica Referencial ou Semântica de Valor de Verdade. Para esse pensamento, “certas palavras fazem referência a determinados objetos, e aprender o que significam essas palavras é conhecer a referência delas no mundo”, por exemplo, a sentença “Noam Chomsky refere-se a um famoso linguista” será adequada se estivermos nos referindo ao mesmo linguista a que todas as pessoas se referem quando usam o nome Noam Chomsky (Cançado, 2013, p. 27). Nisso, a pesquisadora chama a atenção para o fato de que a Referência é uma relação entre expressões e objetos extralinguísticos e não entre expressões linguísticas.

Quanto às teorias que tratam do significado do ponto de vista representacional, essa estudiosa afirma que elas não consideram que esse significado faz relação com a referência no mundo, são conhecidas como teorias mentalistas, representacionais ou cognitivas e envolvem a ligação entre linguagem e construtos mentais, que representam ou codificam o conhecimento semântico do falante. Aqui, o sucesso da comunicação depende apenas de partilhar representações, e não de fazer a mesma ligação entre situações do mundo.

Assim, vale lembrar que os exemplos de expansão do léxico apontados por Biderman (2001), assim como outros diversos, são analisados léxico e semanticamente. Nisso, as palavras sinônimas, que “sempre sofrem um tipo de especialização de sentido ou de uso”, requerem sempre um contexto, que é dado e analisado em uma sentença semântica (Cançado, 2013, p. 48/53).

Situação semelhante acontece com a antonímia, como exemplo a do tipo gradativo,

em que a negação de um item lexical não implica em afirmação do seu antônimo, como em pesado/leve, quente/frio: se o galão de água não está pesado para o seu entregador, não implica que ele esteja leve para a criança ou o idoso, ou: se algo não está quente, não implica que esteja frio, ou ainda: uma temperatura que é quente no Alasca pode ser fria no Brasil (Cançado, 2013). Assim, a adequação de uso desses itens lexicais vai requerer também um contexto ou sentença, que lhe dirá as suas condições de verdade.

Cançado (2013), argumenta ainda que nos casos de hiponímia e hiperonímia, por exemplo, temos a ocorrência de implicações que estruturam o léxico das línguas em classes e podem formar cadeias. Com base nesse pensamento, o item lexical mais específico dessa cadeia é o hipônimo, enquanto o mais geral é o seu hiperônimo. Assim, em “flor, rosa, jardim...”, rosa é hipônimo e jardim o seu hiperônimo. Nessas situações, existe sempre uma assimetria semântica, o jardim conterà rosa, mas o inverso jamais poderá ocorrer.

Embora cada língua tenha sua forma própria de recortar a realidade e a moldar em categorias linguísticas e mentais que lhes são exclusivas, o léxico relaciona-se com o processo de nomeação da realidade, em primeiro momento. Posteriormente, vem o processo de cognição, em que os conceitos ou significados trazem os meios de ordenar os dados sensoriais da experiência, cristalizando-os em signos linguísticos: palavras.

Nessa prática de efetivação dos processos linguísticos ou de comunicação, as unidades léxicas se relacionam de formas diversas. Essa manifestação apresenta certa complexidade que requer uma análise direcionada à compreensão do sentido, o qual resulta da relação léxico e estruturas sintáticas. Isso evidencia o parentesco entre Semântica e ciências do léxico, em especial, a Lexicologia; ambas possuem como intersecção a semântica lexical.

PRODUTIVIDADE LEXICAL

A língua que falamos tem uma função social muito importante, além de promover a troca de conhecimentos, ela também se transforma para melhor acompanhar as mudanças que ocorrem nas estruturas socioeconômicas e culturais da sociedade. Ela acompanha a tecnologia, rompe barreiras e transforma gerações. A veracidade de tudo isso, juntamente com a criatividade dos falantes em todos os domínios faz com que a língua se diversifique no âmbito da linguagem geral, fazendo com que surjam novos falares, enquanto certas palavras e expressões vão caindo em desuso.

Essas mudanças sociais geram novas realidades, cujo processo de cognição desencadeia a necessidade de novas nomeações, criando novas palavras que os falantes vão incorporando ao seu falar corrente, da mesma forma que os artistas da língua também são responsáveis pela criação de novos termos ou pela conotação nova de palavras já existentes. Essas novas criações perpetuam-se na sociedade, que, então, as aceita e passa a reutilizá-las nos seus atos de comunicação. Posteriormente, podem incorporar-se

ao conjunto das unidades léxicas memorizadas e utilizadas pelos usuários da língua.

Esse fenômeno linguístico de criação de formas e significados de novos lexemas denomina-se Neologismo e as novas unidades produzidas são chamamos de unidades neológicas. Por Neologismo considera-se o “resultado tangível da operação de produção linguística inédita, isto é, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico, introduzindo-se no uso corrente ou socioprofissional” (Boulanger, 1989, *apud* Ferraz, 2007, p. 55); “é uma ocorrência natural, prevista nos padrões de estruturação lexical das línguas vivas” (Ferraz, 2012, p. 18).

Segundo Ferraz (2007, p. 54), o processo de neologismo lexical é verificado a partir de três mecanismos básicos: neologia formal, cuja formação das palavras é observada a partir de regras do sistema linguístico e opera nos níveis morfológico, sintático ou fonológico; neologia de empréstimo, resultante da importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, os quais sofrem modificações ou não para adaptarem-se à nova língua, e; neologia semântica, quando há uma reutilização de unidades léxicas já existentes, com atribuição de novos conceitos, tendo em vista uma relação de significância. Retomaremos a noção de neologia semântica mais adiante, ao falarmos sobre a metáfora em abordagem interacionista.

Ferraz (2012) salienta que não é pelo fato de uma unidade léxica ter caráter inédito que passa a ser imediatamente considerada neológica.

Há três fases da neologia que devem ser observadas:

- a. A fase inicial do processo, quando o neologismo está sendo criado;
- b. A fase que sucede à criação e se refere à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários;
- c. A fase em que começa o processo de desneologização (Ferraz, 2012, p. 18).

Depois de criado, o neologismo é lançado na corrente de evolução linguística, mas somente ao passar pelas três fases acima é que a nova unidade léxica está em condições de ser dicionarizada. “O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral, ou seja: o vocabulário novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua” (Biderman, 2001, p. 212); caso não ocorra a desneologização, pode perder-se a sensação de novidade e acontecer de o vocábulo cair em desuso.

Andrade (2010, p. 121/122) afirma que na criação lexical há sempre uma força motivacional no produto resultante, quer seja morfossintática, fonológica ou semântica. Com base em estudos de Ullmann (1964), essa pesquisadora aponta três tipos de motivação: a fonética, que apresenta relação entre o significante, o símbolo e o não linguístico; a morfológica, quando se observa os processos de derivação e composição, e; a semântica, a qual pode acontecer de modo figurativo, por meio de relações metafóricas e metonímicas.

A motivação, nesse caso, se realiza quando um composto derivado e uma expressão figurada são sentidos como tal.

Essa autora salienta que os fatores que favorecem a mudança semântica estão relacionados à complexidade da própria língua, dado ao caráter de flexibilidade, tanto para a sua transmissão descontínua através dos tempos, quanto para duplicação de significado, bem como pelo fato de lidarmos com classes abertas (fonológico e morfológico) e fechadas (o próprio vocabulário). A estudiosa afirma ainda que causas históricas, linguísticas, sociais e psicológicas podem desencadear mudanças no significado, e que podem ser condicionadas por uma associação entre o significado novo e o antigo, através de uma relação de intersecção, seja por inclusão ou implicação. Sobre essas questões, eis o que diz Martinet (1978):

[...] enquanto a motivação fonética é directa, as motivações morfológica e semântica são indirectas, no sentido de que a unidade lexical não é compreensível senão para quem conhece o sentido dos lexemas de base ou dos lexemas componentes (no caso da motivação morfológica), e para quem conhece o sentido próprio donde são derivados os sentidos figurados (no caso da motivação semântica). [...] A motivação não passa de um caso particular de estruturação do léxico. Com efeito, os significados das unidades lexicais mantêm entre si relações que nem sempre são formalmente manifestadas de maneira directa (Martinet, 1976, p. 195).

Andrade (2010, p. 123) reconhece que há certa complexidade na classificação das causas que respondem pela mudança de significado e, ainda com base em estudos de Ullman (1964), afirma que, além das causas linguísticas, históricas e sociais, a mudança de significado pode estar condicionada a questões psicológicas: os fatores emotivos e expressivos do falante; à influência estrangeira por causa da mudança semântica, no caso da importação de um nome, que poderá abolir um significado antigo em detrimento de um novo, e; à necessidade de um nome como causa da mudança semântica, cuja nomeação pode ser feita pela importação de um termo, processo interno da língua ou mudança de significado de uma unidade da língua.

Ullman (1964) adverte que a influência estrangeira ou importação de um termo pode acarretar o surgimento de um novo significado, uma vez que poderá haver dificuldade de associação entre o significado original desses termos e a sua nova designação. Martinet (1976), Por sua vez, argumenta que a motivação semântica é indireta e não compreensível, senão para aqueles que conhecem o sentido próprio de onde são derivados os sentidos figurados.

Não podemos deixar de considerar também que cada significação vem carregada de novos itens na estrutura de categorias do seu lexema, traz novas similaridades, sinonímia, antonímia, etc. Assim, a cada nova unidade léxica, temos um campo polissêmico que se amplia. E a polissemia é, certamente, resultante da inovação semântica, que só pode ocorrer qualitativamente, já que vários sentidos podem ser atribuídos a mesma base e

atualizados em contextos diferentes, o que nos permite afirmar que o significado está mais sujeito a mudanças que outros instrumentos de formação léxica.

Dessa maneira, além da ampliação de itens categoriais que surgem com as novas unidades léxicas, a inter-relação ou associação entre eles é responsável pelo enriquecimento da significação. As mudanças de significados advindas das relações associativas são observadas, sobretudo, no emprego das chamadas figuras de linguagem, a metáfora, metonímia e a sinédoque, as quais associam as operações mentais entre si e entre estas e as expressões linguísticas.

Dentro desse enfoque, a metáfora (objeto de análise desse artigo) constitui um recurso bastante utilizado e apreciado, dado o seu valor expressivo e cognitivo.

A estrutura da metáfora é simples. O significado se altera quando o significado de um termo adquire um outro, numa relação de comparação, intersecção, apresentando traços semânticos comuns. Isso quer dizer que quanto mais próximo estiverem esses traços, menos expressividade a metáfora possui, quanto mais afastados maior a tensão criada, maior a força da expressividade (Andrade, 2010, p.123/124).

Essa tensão entre significados permite uma maior identificação entre o caráter metafórico das unidades léxicas ou expressões e o processo polissêmico. O resultando dessa aproximação é o surgimento de um novo sentido, o metafórico, o qual não substituirá o original (literal), mas relacionará com alguns de seus atributos, possibilitando a criação de novos sentidos.

Por ser a metáfora um recurso bastante presente na nossa língua e trazer conotações que são importantes não só em âmbito linguístico como também cognitivo, ela perpassa o campo estilístico e vem se tornando cada vez mais aceita enquanto dispositivo semântico, presente não só na linguagem usual como na científica. “A metáfora é, então, um acontecimento semântico que se produz no ponto de intersecção entre vários campos semânticos” (Ricoeur, [1975], 2000, p. 155).

A METÁFORA: UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA

O curso das investigações teóricas sobre a metáfora tem sido longo e disperso, já que é grande a diversidade de abordagens sobre o assunto, as quais visam, principalmente, enfoques filosóficos, psicológicos e linguísticos. Para efeito desse artigo e por entendermos que a metáfora enquanto produtividade lexical efetiva-se no uso corrente da linguagem, não nos atemos apenas a uma abordagem linguística tradicional, defendida por alguns autores, nem somente a uma abordagem de cunho conceptual¹ sustentada, por outros investigadores, mas demos atenção ao sentido metafórico advindo dessas duas direções

¹ A Teoria da Metáfora Conceptual é fundada por Lakoff e Johnson (1980), e desenvolve o pensamento de que as expressões metafóricas são utilizadas para externar os conceitos metafóricos; que nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência, e por isso, muitas vezes, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente. A metáfora conceptual é logicamente anterior à sua representação linguística, e por isso, não seria afetada por fatores estritamente linguísticos (Moura, 2009, p. 03).

em cooperação, conforme Barbosa (2017; 2021).

Etimologicamente, o termo metáfora deriva da palavra grega *metaphorá*, através da junção de dois elementos que a compõe - *meta* que significa sobre e *pherein*, este com a significação de transporte. Entre grande parte dos escritos que tratam desse assunto, parece haver o consenso de que, numa visão tradicional, o fenômeno metáfora é definido como sendo o uso de um termo ou expressão no lugar de outro. Em sua essência, a metáfora representaria uma transferência de sentido de um termo para outro, o que sugere, com base nessa informação, uma aplicabilidade restrita ao nível da linguagem.

Para Fossile (2011b), Coimbra (2009, *apud* Barbosa 2017; 2021), Amaral (2009), datam do século IV a. C. os primeiros estudos sistemáticos sobre a metáfora e são atribuídos a Aristóteles, o qual sustentava que a mesma estava vinculada aos domínios da retórica e da poética.

Na "Poética", Aristóteles (1965) expõe o seu pensamento sobre a metáfora, afirmando que esta consiste na atribuição de um nome a um referente, sendo que este nome é pertença de um outro referente. Tratando-se, portanto, de uma transposição ou transferência de um nome, propõe quatro tipos de metáforas: gênero por gênero, gênero por espécie, espécie por gênero e analogia. Nas três primeiras categorias, a transferência situa-se ao nível da palavra, ocorrendo uma substituição [...] na metáfora por analogia, a transferência ocorre de um domínio do conhecimento para outro, não se circunscrevendo estritamente às palavras. (Amaral, 2009 p. 213).

Deve-se a Aristóteles a ideia de que "a capacidade em criar/fazer metáforas distingue os seres eloquentes dos seres banais, pelo que só está acessível aos homens que possuem um talento especial" (Amaral, 2009 p. 213), pertencendo aos poetas a prerrogativa na capacidade de intuir ou perceber similaridades. Assim, é possível compreender o caráter retórico da metáfora tradicional e a sua principal função, a de ornamento da linguagem, que chegou até nós, apesar de diversos estudos realizados sobre o assunto a partir do último século.

A metáfora vinculou-se à retórica, a qual, segundo Ricoeur ([1975], 2000), passou por um processo de redução à teoria da elocução ao longo de sua história. A teoria da elocução (ou do estilo) reduziu-se à classificação das figuras e essa classificação a uma teoria dos tropos que, por sua vez, voltou-se para a metáfora e para a metonímia, as quais continuariam a reduzir-se à semelhança e à contiguidade, respectivamente. Esse entendimento, segundo esse autor, foi bastante significativo para compreendermos a disparidade existente entre as formas de interpretação que se faz da representação metafórica a partir de uma conceituação clássica e moderna a respeito do assunto.

Apesar de posicionamentos diversos e até controversos acerca da metáfora, é recorrente a crença de que houve, durante todo o período de redução da retórica, mais esvaziamento do que amplitude de considerações a respeito dos aspectos lógico-discursivos da mesma, nos termos e dimensões propostos por Aristóteles. O que prevaleceu foi o

estatuto da linguagem, o que chegou até meados do século passado, a metáfora reduzida a fórmulas linguísticas, de onde não é possível deslanchar um estudo efetivamente semântico-lexical.

Somente com a Teoria Interacionista, já no século XX, podemos falar de uma abordagem semântico-lexical a partir da metáfora. Tal teoria propõe uma interpretação do sentido metafórico advindo não apenas de mecanismos cognitivos, nem somente de fatores linguísticos, mas resulta da cooperação entre os dois processos. Essa inovação básica é dada pelo reconhecimento da dimensão cognitiva da metáfora, ignorada até então. Para compreendermos essa questão, fizemos uma breve teorização dessa perspectiva interacionista, levando em conta os pontos mais contundentes de sua formulação, a partir da visão de dois autores principais: I. A. Richards, responsável por inaugurar a Teoria Interacionista e Max Black, conhecido como o criador da Teoria, propriamente dita.

Os estudos de Richards foram desenvolvidos por volta de 1930 e constituíram importantes empreendimentos para a formulação da abordagem interacionista da metáfora. Com ele, novas perspectivas de interpretação metafórica ganham corpo e uma nova terminologia passa a ser adotada. Adepto de uma linha de investigação literária, Richards dedica-se à definição de uma nova retórica, à qual se vincula a teoria da metáfora, que, posteriormente, resulta no reconhecimento de uma semântica da frase, já que “situa a retórica no plano propriamente verbal da compreensão e comunicação” (Ricoeur, 2000, p. 124).

Conforme Coimbra (1999) o ponto de partida para o desenvolvimento dos trabalhos de Richards está no pensamento célebre de Pierre Fontanier² (século XIX), o de que a metáfora apresenta uma ideia sob o signo de outra. Para essa autora, Richards propõe designar por tópico ou teor (tenor) a ideia em questão, a qual pode ou não estar expressa na superfície do texto, e por veículo (vehicle) a ideia sob cujo signo a primeira é apreendida. Como no enunciado: “Os pobres são os negros da Europa”, a palavra negros constitui o veículo e obtém (no exemplo) um novo significado, que não é o seu significado em usos literais, nem o significado que teria qualquer palavra que o substituísse de forma literal.

Assim, algo (um novo significado) está sendo dito indiretamente sobre os pobres da Europa, esse significado novo expressa o teor ou a ideia contida no enunciado metafórico e esse teor impõe extensão de sentido à palavra que constitui o veículo (a palavra negros, no exemplo dado). Dessa forma, a metáfora não se restringe apenas a uma palavra (ao veículo), mas engendra-se do conjunto dos dois termos, da sua percepção simultânea e da sua interação.

A Richards é atribuído o pensamento de que a metáfora ou o enunciado metafórico possui estrutura intrínseca e envolve toda a semântica do enunciado. A metáfora não

² Pierre Fontanier inclui as metáforas nos tropos por semelhança, definindo-as como as figuras que “consistent à présenter une idée sous le signe d’une autre idée plus frappante ou plus connue, qui, d’ailleurs, ne tient à la première par aucun autre lien que celui d’une certaine conformité ou analogie.” (Fontanier, 1968: 99, *apud* Coimbra, 1999, p. 15).

constitui um valor adicional, mas uma forma de constituição da própria linguagem, pois a unidade semântica deixa de ser apenas a palavra, para tornar-se a frase toda. Para Ricoeur (2000) e Fossile (2011b), em Richards, a metáfora mantém dois pensamentos de coisas diferentes que estão/são simultaneamente ativas.

A consideração da interdependência entre tópicos e veículo nos leva ao reconhecimento do mesmo tipo de relação que se estabelece entre a linguagem e o pensamento (Berthoff, *apud* Amaral, 2009). Assim, Richards rompe com a teoria da palavra, cuja definição de metáfora estava centrada na mudança de sentido da palavra (definição nominal) e inaugura a teoria do discurso, edificada sobre a tese da interanimação de palavras na enunciação e base de sua teoria da interpenetração das partes do discurso, sobre a qual se edificou a teoria da interação semântica da metáfora (Amaral, 2009; Coimbra, 1999, *apud* Barbosa, 2021; Fossile, 2011b; Ricoeur).

Em Richards, a relação linguagem versus pensamento parece dicotômica, e nessa dicotomia, o pensamento é enfatizado. Assim, inicia “uma longa tradição que separa dois planos na metáfora: o plano conceptual (que relaciona conceitos) e o plano da expressão (as palavras que são usadas para exprimir esses conceitos)” (Moura, 2008, *apud* Fossile, 2011b, p. 38). Fossile (2011b) afirma que houve uma fusão, na década de 70, da linha de investigação literária seguida por Richards com o campo da filosofia analítica, sendo Max Black o principal representante dessa fusão.

Black, a partir de seu artigo *Metaphor* (1962), condensa as teses fundamentais para uma análise semântica da metáfora que se estabelece no nível do enunciado, mais tarde, publica *More about Metaphor* (1993), onde propõe rever sua formulação original sobre a metáfora e dirigir seu interesse, particularmente, para os aspectos cognitivos. Para esse autor, o sujeito da metáfora se distingue em literal, que ele designa de termo principal ou primário, e o termo figurado ou secundário. Ele sustenta que, num enunciado metafórico, apenas o termo secundário é tomado metaforicamente, enquanto os demais são tomados literalmente.

Black (1962; 1993) chama de foco (focus) o termo que é tomado metaforicamente e frame o restante do enunciado, quadro é o contexto, o literal. E da relação entre o foco e o contexto é que nasce o sentido metafórico do enunciado.

[...] na sentença *A mulher é uma rosa*, a metáfora não está centrada, de acordo com Black, apenas na palavra *rosa*, mas no relacionamento que os elementos do enunciado estabelecem entre si. Dessa forma, entende-se que há uma inter-relação entre o focus (*uma rosa*), que é o elemento metafórico, e o frame (*A mulher é _____*), isto é, a estrutura gramatical não-metafórica (frame) (Fossile, 2011b, p. 39).

Assim, é o enunciado inteiro que constitui a metáfora, mas é a presença do foco que justifica considerar o enunciado como metafórico. Ricoeur (2000, p. 136) afirma que, em Black, a interação ocorre entre o sentido do enunciado, que é indiviso, e o sentido

focalizado da palavra, tomada metaforicamente. Porém, o fato de a palavra metafórica ser tomada como isolada do resto da frase, exprimindo-se um “fenômeno de focalização³, não significa um retorno à ilusão de que as palavras têm em si mesmas um sentido” (Ricoeur, 2000, p. 136).

Para Black (1993), o significado de uma metáfora interessante é tipicamente novo ou “criativo”. As metáforas de seu interesse são designadas metáforas ativas ou fortes, cuja discriminação ocorre mediante ênfase e ressonância⁴, com notoriedade para a questão de suas implicações serem ricas, porém, não declaradas, onde “os produtores precisam da cooperação do receptor em perceber o que está por trás das palavras usadas” (Black, 1993, p. 23 e 26). Assim, o falante pode empregar meios convencionais para produzir um efeito fora do padrão, durante a utilização apenas dos recursos sintáticos e semânticos.

Para explicar o funcionamento da metáfora, Black (1962; 1993) introduz a noção de sistema de lugares comuns associados, que constitui um conjunto de opiniões e pressupostos. Estes, acrescidos pela comunidade linguística aos usos literais da palavra que governam as regras sintáticas e semânticas, formam um sistema de implicações associadas (convenções e estereótipos) previsíveis do sujeito subsidiário (e não a base de sua significação lexical corrente) e que são projetados sobre o sujeito primário.

No enunciado “o homem é um lobo”, temos que o termo “lobo” evoca um sistema de lugares comuns associados, trazendo à mente conceitos como: valente, perigoso, selvagem. Esses traços associados a lobo são projetados sobre o conceito de homem, de forma que aplicamos os atributos (estereótipos e conotações) triviais de lobo a homem, organizando, dessa forma, a nossa visão de homem por meio dessa metáfora, que é o termo “lobo”. Assim, a expressão metafórica suprime certos detalhes e acentua outros, por meio de um insight. Isso “constitui, com efeito, uma operação intelectual irredutível, que informa e esclarece como nenhuma paráfrase poderia fazer” (Ricoeur, 2000, p. 139/140).

In the context of a particular metaphorical statement, the two subjects “interact” in the following ways: (a) the presence of the primary subject incites the hearer to select some of the secondary subject’s properties; and (b) invites him to construct a parallel implication-complex that can fit the primary subject; and (c) reciprocally induces parallel changes in the secondary subject. (Black, 1993, p. 28)⁵.

Para Black (1962, p. 287), o importante para a eficácia da metáfora não é que

3 Ricoeur (2000, p. 135/136) chama fenômeno de focalização o fato que nos permite isolar a palavra metafórica do resto da frase, essa palavra seria designada fenômeno de focus, enquanto frame designa o restante. Para ele, esse detalhe é um atributo que distingue a metáfora do provérbio, da alegoria e do enigma, nos quase todas as palavras são empregadas metaforicamente.

4 Black sugere os termos ênfase e ressonância para orientar o grau de vivacidade da metáfora. Propõe a riqueza das implicações não declaradas, de um lado e o opcional, decorativo e ornamental, característicos da metáfora tradicional de outro lado. Ambos, como os “opostos plausíveis”, que asseguram essas extremidades (Black, 1993, p. 26).

5 No contexto de uma instrução metáfora particular, os dois indivíduos “interagem” da seguinte forma: (a) a presença do objeto principal incita o ouvinte para selecionar algumas das propriedades do sujeito secundário; e (b) convida -o a construir uma implicação do complexo paralelo que pode caber no tema principal; e (c) reciprocamente induz mudanças paralelas no tema secundária (Tradução própria).

os lugares-comuns sejam verdadeiros, mas que eles sejam fácil e livremente evocados. Observa-se que ao mesmo tempo em que Black admite o sistema de lugares comuns associados, ele ressalta que as metáforas podem também ser apoiadas por sistemas de implicações especialmente construídos e de natureza não lexicais, determinadas pelas circunstâncias do enunciado, pensamento e intenções dos interlocutores. “Their mode of operation requires the reader to use a system of implications (a system of “common-places”-or a special system established for the purpose in hand) as a means for selecting, emphasizing, and organizing relations in a different field.” (Black, 1962, p. 293)⁶.

Na elaboração da metáfora, para Black (1993), tem-se uma operação mental, na qual os termos (foco e frame) que formam um enunciado metafórico interagem simultaneamente, de modo que formam “um ponto de intersecção entre os significados”⁷, (Moura; Pereira, 2008, p. 02). Dessa forma, a linguagem elabora maneiras de pensar, numa interação que inclui tanto fatores linguísticos como cognitivos, já que envolve operação mental, um insight.

Então, observa-se que a versão interacionista sustenta que a metáfora passa a ser entendida como um recurso que concebe conhecimento (Fossile 2011), onde o seu produtor “não está simplesmente comparando A com B, nem mesmo pensando em A como se fosse B; mas, sim, ele produz um flash of insight ao perceber A e B”; daí, a “questão central é que a metáfora cria algo novo, isto é, as metáforas são criadoras de novas associações” (Fossile, 2011a, p. 10).

A metáfora, dentro dessa concepção interacionista, não opera apenas a substituição de uma unidade léxica por outra, numa troca de significação. Ela traz o que podemos chamar de diferencial metafórico, pois, mais que o enfoque puramente linguístico, abordado tradicionalmente, e mais que os aspectos de cunho conceptual, defendidos por alguns investigadores, a interpretação do sentido metafórico é considerada como advinda dessas duas direções em cooperação. Não há troca de significados, mas sim, produção de novos significados e o desencadeamento de novas associações, com atribuição de conceitos, tendo em vista sempre uma relação de significância.

ANÁLISE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A ampliação da capacidade comunicativa do homem está nitidamente ligada ao movimento da sociedade, no sentido de este ser levado a necessidades de compreender os

6 ...seu modo de operação requer que o leitor use um sistema de implicações (um sistema de “lugares comuns”-ou um sistema especialmente criado para o efeito) como um meio para selecionar, enfatizar e organizar as relações em um campo diferente. (Tradução própria).

7 Quando se diz, por exemplo, que no enunciado “o homem é um lobo” temos uma interação entre o sentido do foco (lobo) e o sentido do frame (restante da frase), temos que o sistema lupino de lugares comuns associados ao foco é evocado e projetado sobre o frame ou o sentido literal do restante do enunciado (o homem é ----) e resulta, não em seu sentido literal, mas em um sentido novo, que traz alguns atributos de seu tema principal (homem) em conexão com alguns estereótipos do foco (tema subsidiário: lobo). Ocorre que nem o termo “homem” e nem o termo “lobo”, nesse exemplo, apresenta o mesmo sentido de antes; o foco (termo empregado metaforicamente) organiza nossa visão de homem (tema principal), suprimindo os atributos de homem humano, social, transparente... e acentuando os de selvagem, traiçoeiro, individualista... que são próprios do termo que constitui o foco do enunciado.

sentidos que que as novas realidades produzem. E essa compreensão só pode ser efetiva se mediante ao desenvolvimento de operações cognitivas, numa prática de conjugação de formas e sentidos, que revela como a linguagem se estrutura para expressar significados e como o homem se apossa dessa linguagem para a abstração de conceitos da sua própria experiência, como os estrutura e os categoriza em conhecimentos.

Vimos que a semântica lexical, ponto de intersecção entre a Lexicologia e a Semântica, para melhor compreensão desses fenômenos, busca se responsabilizar pelo estudo da significação de forma ancorada, associada tanto à noção de referência quanto a de representação mental, considerando as ocorrências naturais de estruturação lexical da língua enquanto sistema vivo.

Igualmente importante nessa ancoragem semântica é o fato de as novas significações nascerem da interação entre o significado original desses termos e a sua nova designação. Compreendemos que esse é o espaço da metáfora, enquanto fenômeno de categorização de conhecimento, que não mais se restringe a substituição de um termo por outro, mas que se constitui a partir de um enunciado inteiro.

A partir das contribuições de Richards, Black e da sua teoria, é possível perceber que a metáfora adquire seu sentido no seio do enunciado, porque seu foco (expressão metafórica) se relaciona com o quadro (contexto) de uma forma que lhe é específica, já que em outro contexto, ocorreria outra interação que resultaria em outro sentido, e assim, sucessivamente. Isso nos leva a concordar que a metáfora de interação é insubstituível e intraduzível (Ricoeur, [1975], 2000, p. 139) porque ela é portadora de informações que lhes são próprias.

A noção de “sistema de lugares comuns associados”, introduzida por Black nos estudos da interpretação metafórica, abre espaço para que, refletindo-a enquanto produto da criatividade semântico-lexical, se possa pensá-la como uma fase de formação neológica que sucede a sua criação, a que, segundo Ferraz (2012, p. 18) refere-se à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte da comunidade linguística. Essa seria a fase que antecede a desneologização ou não da unidade léxica, já que, para Black, essa noção é acrescida aos “usos literais da palavra que governam as regras sintáticas e semânticas”.

A própria ilustração dada pelo autor (o homem é um lobo) possibilita pensarmos nisso. O que ele sugere ser evocado como sistema de lugares comuns associados ao foco metafórico “lobo” são conotações já bastante utilizadas para o termo “valente”, “perigoso”, “selvagem”; sugeridos como sendo “estereótipos e conotações” triviais de lobo. É possível encontrar dicionarizadas algumas expressões idiomáticas que trazem essas mesmas conotações. O dicionário Michaelis (2008) fala em “lobo do mar”: “marinheiro experiente”, ou seja, um homem “destemido”, algo bem próximo de “valente”, “perigoso” e “selvagem”.

Esses estereótipos e conotações, que são traços triviais de lobo, quando projetados sobre o termo “homem”, não só organiza nosso pensamento sobre “homem”, como também as associações que evocam fazem-nos pensar em um homem um pouco animalizado e em

um lobo um pouco humano. Ou seja, a metáfora está presente na semântica da frase toda, embora representada pela expressão metafórica que constitui o foco dessa interação.

Dessa forma, podemos considerar a partir das formulações da Teoria Interacionista que, dentre os seus pontos mais contundentes, a metáfora é um modo diferente de organizar a realidade, uma vez que ocorre nela uma operação mental, na qual os termos que formam um enunciado metafórico interagem simultaneamente na constituição de um sentido novo.

As produções metafóricas, a partir da abordagem interacionista, tornam-se um mecanismo de produtividade lexical bastante enriquecedor, uma vez que as unidades léxicas tomadas figurativamente produzem tantos sentidos quanto são as suas possibilidades de interação. Ou seja, para cada enunciado em que uma palavra for inserida figurativamente, haverá uma interação. Ou ainda, para cada situação comunicativa, haverá a construção de novos sentidos através dos “sistemas de implicações especialmente construídos” (Black, 1993).

A evocação que Black (1962; 1993) chamou sistema de lugares comuns associados, que ocorre a partir das convenções e estereótipos associados a determinadas unidades léxicas, implica em novas associações e projeção de conceitos e atributos triviais de um tema secundário (foco; palavra tomada metaforicamente) a um tema principal. A operação mental realizada através dessas associações e projeções, que também suprime e acentua detalhes desse tema principal, traz nova forma de percepção e conceituação da realidade, resulta em produtividade lexical, pois ocorre sempre com a construção de novos significados.

Assim, através dos sistemas de implicações associados (Black, 1962; 1993) a metáfora passa a constituir neologismo, uma vez que ela obedece (perfeitamente) as fases de construção neológica compreendidas por Ferraz (2012, p. 18): a fase de sua produção e a fase de recepção e julgamento de sua aceitabilidade junto à comunidade de falantes. Da mesma forma, muitas metáforas caem no uso corrente e acabam sendo dicionarizadas, fechando (dessa forma) o ciclo das três fases neológicas apontados por esse pesquisador.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rosa M. B. **A Metáfora na Compreensão e Interpretação do texto Literário**. Tese (Doutorado em Psicolinguística) – Curso de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal. 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19276/2/29511.pdf>. Acesso em set/2023.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas topônimoico de origem indígena do Estado do Tocantins: Atito**. Goiânia Ed. da PUC, 2010.

BARBOSA, Noelma O. Metáfora e dinâmica da linguagem. **Humanidades e Inovação** v.8, n.66, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6202>. Acesso em set./2023.

_____. **A metáfora no livro didático: antes e após a avaliação do PNLD**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pós-Graduação em Letras: Pós- Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins UFT. Disponível em: <https://repositório.uft.edu.br/handle/11612/1698>. Acesso em set./2023.

BIDERMAN, Maria T. Camargo. As ciências do léxico. In **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Org. Maria P. Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo. Campo Grande, 2ª ed. Ed. UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria T. Camargo. **Teoria linguística**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2001.

BLACK, Max. More about Metaphor. In. ORTONY, a. (Ed). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. Metaphor. In. **Models and metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, cap. 3, 1962. Disponível em <https://books.google.com.br>. Acesso em out./2015.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**. Ed. Contexto, São Paulo. 2013.

COIMBRA, R. L. A. **A linguagem metafórica**. 1999. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade de Aveio. Aveio, 1999. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/15564791.pdf>. Acesso em set./2023.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Produtividade lexical no português brasileiro: o que pode informar um observatório de neologismos? In. **Texto e Contexto**. Org. Juscelino Pernambuco; Maria Flávia Figueiredo, Naiá Sadi Câmara. Franca, S. Paulo. Universidade de Franca. 2012.

_____. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Aparecida Negri Isquerdo, Ieda Maria Alves (Org). Campo Grande, Ed. UFMS, 2007.

FOSSILE, Dieysa K. Um passeio pelos estudos da metáfora. Revista de Letras. Curitiba. 2011a. **Revista de Letras**, v. 1, n. 14, 2011. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2332>. Acesso em set./2023.

_____. **O Significado Aspectual na Interpretação de Metáforas Verbais**. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011b. Disponível em: <https://repositório.ufsc.br/handle/123456789/95998>. Acesso em out./2018.

MARTINET, André. **Conceitos Fundamentais da Linguística**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1976.

MOURA, Heronides M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Revista Veredas**. Juiz de Fora. V. 6, N 1. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25303>. Acesso em out./2023.

MOURA, Heronides M. M. PEREIRA, I. **Máquinas e mentes: interpretando a metáfora**. Workingpapers. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 81 – 99, jan.-jun. de 2008. Disponíveis em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2008v9n1p81>. Acesso em jun./2016.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo, 3ª ed. Edições Loyola. [1975], 2000.